

UM PAÍS TODO SEU: O PROTAGONISMO FEMININO EM *UM MAPA TODO SEU*, DE ANA MARIA MACHADO

Un país todo suyo: el protagonismo femenino en Um Mapa todo seu, de Ana Maria Machado

A Country All Yours: The Female Protagonism in Um Mapa todo seu, by Ana Maria Machado

Maria EUNICE MOREIRA

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
maria.eunice@pucrs.br

RESUMO: Este texto objetiva traçar a linha crítica desenvolvida pelos primeiros leitores e resenhistas do romance *Um Mapa todo seu*, de Ana Maria Machado, mostrando que, apesar dos movimentos reivindicatórios das pautas feministas no Brasil, a leitura dos primeiros textos críticos sobre a obra sugeriu ao leitor se tratar de um romance de amor envolvendo duas marcantes figuras da História brasileira, sem atentar para o protagonismo de uma mulher que, por suas atitudes e comportamento, poderia estar ao lado de suas compatriotas nas passeatas de rua de 2015.

Palavras-chave: feminismo; Ana Maria Machado; *Um Mapa todo seu*; crítica.

RESUMEN: Este texto traza la línea crítica presentada por los primeros lectores y críticos de la novela *Um Mapa todo seu*, de Ana Maria Machado. Pretende demostrar que, a pesar de los movimientos de las calles brasileñas que reivindicaban pautas feministas, la lectura de la novela sugirió al lector que se trataba de una novela de amor con dos personajes importantes de la historia brasileña,

descartando el protagonismo de una mujer que, por su comportamiento, pudiera encontrarse en las calles con sus compatriotas en las protestas de 2015.

Palabras clave: feminismo; Ana Maria Machado; *Um Mapa todo seu*; crítica.

ABSTRACT: This work aims to trace a critical line developed by the first readers and reviewers of the novel *Um Mapa todo seu*, by Ana Maria Machado. It intends to show that, despite women's rights movements, the first readings of critical reviews in Brazil suggested to the reader that it was a romance novel involving two remarkable Brazilian historical figures. Those reviews failed to observe the protagonism of a woman who, based on her behavior, could have walked alongside her fellow compatriots in the 2015 street protests.

Key words: feminism; Ana Maria Machado; *Um Mapa todo seu*; criticism.

No final do ano de 2015, quando veio a público a obra *Um Mapa todo seu*, da escritora Ana Maria Machado, centenas de mulheres saíam às ruas no Brasil, dando continuidade a eventos que desde 2013 registravam o protagonismo feminino com pautas atuais e progressistas: direito ao aborto, contra a intolerância e o machismo, repúdio ao feminicídio e ao estupro. Um dos cartazes dessas manifestações alertava: «Mexeu com uma, mexeu com todas». Em várias capitais do Brasil, ouviam-se os gritos contra a aprovação de um projeto que limitava o acesso à pílula do dia seguinte em hospitais públicos, para mulheres estupradas. O estopim para todos esses movimentos começou quando pedófilos publicaram comentários sobre uma menina participante da versão infantil do programa MasterChef Brasil. A reação foi imediata e muitos relatos de assédio sexual infantil de meninas vieram à tona num país de tristes estatísticas: 9,7 anos como média de idade dos assédios femininos, oitavo no mundo em número de mulheres assassinadas, mais de 500 mil estupros por ano e repetidos casos de agressões às mulheres por parte de seus parceiros. A onda feminista trazia também a reivindicação de destituição do presidente da Câmara de Deputados, Eduardo Cunha, conhecido político retrógrado e contrário às pautas postuladas pelas mulheres. Palavras de ordem contra esse político ecoavam pelas ruas das principais capitais: «Machismo mata, feminismo liberta»; «Se cuida, se cuida seu machista. A América Latina vai ser toda feminista»; «Fora Cunha» (Rossi, 2015: 1).

Os fatos pareciam orquestrados: no mês de outubro de 2015, quando os alunos brasileiros fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), uma

questão sobre o movimento social para o qual as ideias da feminista Simone de Beauvoir tiveram um papel de destaque, provocou muitas reações. A questão colocava em discussão a citação da autora de *O segundo sexo* – «Ninguém nasce mulher, torna-se mulher». Nenhum destino biológico psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino». Os alunos deveriam identificar o movimento social dos anos 1960 que era orientado por essa afirmativa. As redes sociais ferriam de argumentos prós e contras a essa proposição, quando, no dia seguinte, o tema da redação do ENEM tocou de novo nos brios de muitos brasileiros: «A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira». E mais uma avalanche de comentários machistas sacudiu a internet.

Todos esses acontecimentos fortaleceram os movimentos feministas, que exigiam, agora, posições políticas mais condizentes com os novos tempos e que atingiam políticos consagrados, como é o caso do Presidente da Câmara de Deputados. Mulheres muito jovens se uniram às mais experientes, e os *slogans* que brotaram dessas campanhas sinalizam para sua força e importância: além do «Mexeu com uma, mexeu com todas», surgiu a campanha #AgoraÉquesãoElas, convocando colunistas, escritores, jornalistas a convidar uma mulher a ocuparem seus espaços e a escreverem no seu lugar. A campanha viralizou e muitos colunistas aderiram ao movimento.

O momento era propício, portanto, para a leitura de *Um Mapa todo seu* na esteira da onda feminista. Eufrásia, a heroína do livro, foi uma figura marcante e sua história revelava sua posição contrária às expectativas da sociedade em relação a uma mulher rica e solteira. *Um Mapa todo seu*, título do novo romance da conhecida autora brasileira, dialogava explicitamente com o texto de Virginia Woolf, *Um Teto todo seu*, de onde emanaram muitas ideias progressistas e feministas, retomadas na contemporaneidade. Apesar desses elementos, que colaboravam para atualizar a pauta das feministas brasileiras, os textos publicados sobre o livro de Ana Maria Machado, por ocasião de seu lançamento, dão as costas às reivindicações e posições assumidas pelas mulheres e se limitam a comentar apenas a história de amor entre dois jovens bem-sucedidos. Não há destaque para o papel assumido por Zizinha e sua recusa aos paradigmas desenhados para as mulheres no final do século XIX.

Isso significa que, apesar dos movimentos reivindicatórios das ruas, as primeiras leituras sobre a nova obra de Ana Maria Machado correram à margem da onda feminista, destacando o romance envolvendo duas conhecidas

figuras da história brasileira, sem atentar para o protagonismo de uma mulher que, por suas atitudes e comportamento, poderia estar ao lado de suas compatriotas nas passeatas de 2015. Destacarei, neste texto, a desconformidade entre as resenhas iniciais, publicadas na imprensa, e a leitura de teor inovador e atualizado que poderia ter sido enfatizado pelos resenhistas.

Escritora experiente, com mais de cem livros publicados, reconhecida pela crítica, que a ela concedeu inúmeras condecorações por sua produção literária, como o Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante da literatura infantil, e o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, certamente Ana Maria Machado não escreveu *Um Teto todo seu* em resposta às demandas femininas que inundavam o país, mas certamente não deixou de apor à sua escrita um viés político. Afinal, foi motivada pelos ideais abolicionistas de Joaquim Nabuco que começou a escrever *Um Teto todo seu*, como afirmou no posfácio da edição: «Comecei a pensar neste livro em 2009, ao ser eleita para a secretaria geral da ABL e me aproximar mais da figura de Nabuco, cujos livros eu já admirava muito e cujo centenário de morte logo iríamos comemorar, em janeiro de 2010». (Machado, 2015: 222). Mergulhada, porém, nas leituras em torno da biografia do abolicionista, diz a própria autora – «descobri a dimensão hipnotizante de Eufrásia» (Machado, 2015: 222) –, o que provocou a mudança de direção de sua intenção literária. Sendo assim, se bem que não como resposta direta às mulheres, mas com seu afinado senso político, escolheu o título da obra – *Um Teto todo seu*. Não há como não pensar na intertextualidade que suscita ao invocar o nome do livro de Virginia Woolf, *Um Mapa todo seu*. Ao resenhar o romance sobre a brasileira Eufrásia Leite, a Zizinha da história, Amanda de Oliveira ressalta que a autora tem consciência de que a personagem feminina se encontra na mesma dimensão crítica de Virgínia Woolf:

Se a autora britânica, nas linhas de seu texto, refletia sobre a posição da mulher na sociedade e na escrita literária, principalmente na importância de um espaço específico para o encontro da arte e da liberdade criadora, a personagem de Ana Maria Machado parece buscar, nas terras europeias, a efetiva liberdade que pode se sustentar sua autonomia. (Oliveira, 2018: 180-182)

Apesar dessa evidente correlação com a conhecida obra de Virginia Woolf, sugerida já pelo título escolhido por Ana Maria Machado, as primeiras resenhas sobre o romance, especialmente aquelas destinadas à divulgação da obra, por ocasião de seu lançamento, ignoram a conexão entre os dois livros como também descartam a leitura que possa encaminhar ao propósito feminista do texto. Para esses resenhistas, é mais conveniente chamar a atenção dos leitores

para a história de amor de duas personagens da história brasileira: o abolicionista Joaquim Nabuco e a empreendedora Eufrásia Leite, na intimidade Quincas e Zizinha.

Eufrásia Teixeira Leite é uma jovem órfã, de pouco mais de vinte anos, herdeira de uma grande fortuna, o que a possibilita se tornar independente nariz, confrontando, com sua autonomia, a tradicional família mineira. Preparada pelo pai para conduzir a herança de forma autônoma e competente, não aceita a imposição do tio e enfrenta a família, mudando-se, junto com a irmã e uma dama de companhia, para a capital francesa, após o falecimento dos progenitores.

É na viagem que Zizinha conhece o jovem Quincas que também vai para Europa em busca de conhecimento e cultura. No ambiente do navio, os dois vivem uma história de amor, apesar da contrariedade da irmã de Zizinha. No entanto, famoso por ser sedutor, Quincas não corresponde ao esperado pela namorada e, aos poucos, a possibilidade de perder a liberdade conquistada e as constantes refregas com a irmã, despertam em Zizinha o medo do matrimônio. Casar-se significa perder a autonomia que possui e ceder o comando dos negócios herdados. Zizinha sabe que pode conduzir a vida sem a presença masculina, mas sabe também que o amor que sente por Quincas pode arruinar os planos de seguir livre, de ser independente, sem depender da ajuda de um homem. Entre acertos e desacertos, a história de amor se desfaz e o casamento não se realiza. Eufrásia se torna uma brilhante mulher de negócios e Nabuco entra para a história como o grande abolicionista.

Numa das primeiras referências ao novo lançamento da editora Objetiva, a chamada está assim registrada: «Ana Maria Machado reconta a incrível história de amor de Eufrásia Teixeira Leite, uma mulher independente e bem-sucedida nos negócios, e Joaquim Nabuco, político e jornalista que atuou no processo abolicionista brasileiro». Se bem que palavras como «independente e bem-sucedida» constem desse texto, a chamada mais importante – «incrível história de amor» – domina o título e conduz o leitor a conhecer esse caso. A ênfase na história de amor prevalecerá também nas demais chamadas para divulgação do livro, como será visto.

A Amazon, por exemplo, que em seguida disponibilizará a obra para venda, insiste nesse ponto:

Um Mapa todo seu reconta a história de amor de Eufrásia Teixeira Leite, uma mulher à frente de seu tempo e uma das primeiras grandes investidoras e empresárias do país; e o jornalista, político e diplomata Joaquim Nabuco,

figura essencial no processo de abolição da escravidão no Brasil. Eufrásia e Nabuco não estão retratados apenas por meio de documentos históricos, mas aparecem em suas vidas íntimas, recriadas com vivacidade e precisão¹.

Novamente, o tópico da «história de amor» de uma mulher à frente de seu tempo e uma das pioneiras no campo dos negócios no Brasil pode sugerir o «avanço» também nas relações que ela estabelece com o político Nabuco do que a sua iniciativa para engendrar negócios no século XIX. Suas vidas íntimas serão tratadas e «recriadas com vivacidade e precisão». Numa sociedade ávida pelo *reality show*, cujo programa da TV Globo, o canal mais popular do Brasil, o Big Brother Brasil (BBB) possibilita esse voyeurismo literário, o emprego dessas expressões constitui uma eficaz chamada promocional.

Uma das primeiras ou talvez a primeira resenha sobre o novo romance de Ana Maria Machado foi redigida pelo jornalista de *O Estado de São Paulo*, Ubiratan Brasil, e publicada em 18 de dezembro de 2015, sob o título «Em novo romance, Ana Maria Machado transforma história de amor impossível em ficção», com o subtítulo –*Um Mapa todo seu*– conta a paixão do abolicionista Joaquim Nabuco e a emancipada Eufrásia Brasil). Diz o resenhista que, nas cem primeiras páginas do romance, o leitor acompanha a história de amor de Zizinha e Quincas, para só depois tomar conhecimento de que se trata de Eufrásia e Joaquim Nabuco. Colhendo o depoimento da autora da obra, informa que a motivação para o romance veio da atuação abolicionista de Nabuco, mas que, por ele, descobriu Eufrásia. Para Ubiratan Brasil, Nabuco não aceita Eufrásia por seus pendores emancipacionistas e Eufrásia não aceita Nabuco por ser ele muito mulhengo. Esse mesmo artigo foi reproduzido no blog de Ana Maria Machado, em dezembro de 2015, na seção Curiosidades, sob a chamada «A pioneira hipnotizante encontra o lutador fascinante» e o artigo com novo título: «Uma história de amor de dois desbravadores» (Brasil, 2015: 1). Mais uma vez, Ubiratan Brasil reforça a relação afetiva entre os dois jovens, destacando a história de amor por eles vivida, mas continua a desconhecer o fator do empoderamento feminino. A força da mulher, ainda que ela seja entendida como «desbravadora», não combina com o olhar do jornalista.

No ano seguinte ao lançamento de *Um Mapa todo seu*, o jornalista Alexandre Lucchese apresentou o livro para os leitores do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, no caderno «Cultura e Lazer». O momento político brasileiro era tenso e o país se encaminhava para a destituição da primeira presidente

¹ Essa informação foi retirada da página da Amazon, em 12 de dezembro de 2020.

mulher, Dilma Rousseff. As acusações para embasar o *impeachment* presidencial sustentavam-se em razões de ordem econômica, as famosas «pedaladas», mas continham muito da misoginia presente na sociedade brasileira. Nesse âmbito político em que ferviam as manifestações contra uma presidente mulher, em que o futuro presidente da República se valia de critérios de beleza para rejeitar uma parlamentar e afirmar que não a estuprava porque era feia, é interessante observar alguns pontos da resenha: a) o livro é catalogado como romance histórico; b) Eufrásia tem sorte nos negócios, mas «no amor, já não tem o mesmo sucesso», porque se apaixona por Joaquim Nabuco, figura essencial para o fim da escravatura no Brasil, mas também muito conhecido em seu tempo como um «dândi mulherengo»; c) «o eixo narrativo é o amor impossível entre os dois»; d) o romance decai, no final, «porque a história do próprio casal é bastante irregular [...] o que acaba por gerar um romance fragmentado».

Num texto sem ponta e sem linha, porque o autor aborda vários aspectos da obra nessa curta resenha (alguns como a classificação em romance histórico merecem maior discussão), chama a atenção novamente os pontos assinalados pelo resenhista e que sintetizam, em geral, os aspectos destacados pelos primeiros avaliadores de *Um Teto todo seu*: o carácter romântico do texto; o envolvimento mal concluído da relação do casal; o fato de Nabuco ser mulherengo e Eufrásia não encontrar no amor a mesma sorte que tinha para os negócios.

Em 18 de dezembro de 2015, era publicado no Portal UAI, de Minas Gerais, o artigo de Angela Farias noticiando: «Ana Maria Machado lança o romance *Um Mapa todo seu*, livro que apresenta Eufrásia Teixeira Leite, a fascinante sinhazinha que não se dobou ao machismo». A resenha dessa jornalista mineira já adentra mais no território vivido pelas mulheres e estabelece uma relação do romance com o momento político vigente no Brasil de 2015-2016. No parágrafo de abertura do texto, escreve a jornalista:

Zizinha nasceu no século 19, mas parece até contemporânea de Simone de Beauvoir, autora da frase «não se nasce mulher, torna-se mulher» – enunciado emblemático de *O Segundo Sexo*, o clássico da filosofia escrito nos anos 1940 que tanta polémica causou no Enem 2015. Se vivesse neste século 21, talvez Zizinha apoiasse as moças que ocuparam as ruas brasileiras, há dois meses, para defender o direito de serem donas do próprio destino. (Farias, 2015: 1)

Com esse comentário, atualiza a leitura da protagonista principal de *Um Mapa todo seu*, colocando-a ao lado das mulheres brasileiras da contemporaneidade, concedendo a Eufrásia um lugar de vanguarda no seu tempo. Como

mulher de um tempo de repressão e restrições, ela seria hoje companheira e lutadora das ideias feministas que enchem as ruas no Brasil do século XXI.

Ao contrário dos textos até hoje escritos sobre o romance, a resenha de Angela Farias incide sobre o protagonismo feminino, desfocando o tema do envolvimento amoroso de dois jovens ricos, bonitos e destacados socialmente (ainda que Nabuco não fosse rico na mesma proporção que Eufrásia). A diferença que deseja acentuar entre o ontem e o hoje na vida das mulheres está presente no romance. Entre a mãe de Eufrásia e a filha empreendedora, ou seja, entre uma geração e outra, a distância é imensurável: de uma mãe analfabeta a uma filha gestora de negócios e capaz de negociar com os maiores banqueiros do mundo. Mulher «à frente de seu tempo», mulher que «jamais se rendeu ao mito do amor romântico» são expressões presentes no texto e que dão conta da envergadura de um romance que, ao trazer para o protagonismo romanesco uma mulher do século XIX, escolhe aquela que foge aos padrões da época, mas não somente o padrão social: a Zizinha de Ana Maria Machado é também a mulher que mostra seu lado feminino, sem abdicar de seu empoderamento:

Amor da vida de Joaquim Nabuco, a bela milionária de Vassouras nunca se limitou a sinhozinha. Órfã aos 20 e poucos anos, a moça recusou a tutela do poderoso tio barão e tocou os negócios do pai, sujeito esclarecido que gostava de conversar sobre o mundo das finanças com a caçula. Trocou a provinciana vida fluminense pela capital francesa, livrando-se da parentela. Pioneira, frequentou a Bolsa de Valores de Paris – para surpresa dos europeus – e investia nas ações certas. Diferente das mulheres de sua época – a mãe, fina flor da elite cafeeira, nem sequer sabia ler – Eufrásia correspondia-se com investidores, entre eles os graúdos do clã Rotschild. Perdeu dinheiro depois da revolução russa de 1917 e no crash de 1929, mas soube se reerguer. (Faria, 2015: 1)

Eis, em resumo, a história do romance de Ana Maria Machado. Ao lado da moça rica, convive a mulher esclarecida, formada pelo pai para gerir os negócios da família; ao lado da provinciana se depara a mulher emancipada, capaz de encarar a vida na capital francesa; ao lado da interiorana mineira, a mulher empreendedora, hábil nos negócios e nos empreendimentos. Mais ainda: a mulher apaixonada e a mulher esclarecida estão presentes nessa personagem da escritora de *Um Mapa todo seu*. Como diz Angela Farias, tornamo-nos «cúmplices dessa mulher que trabalha, ama, sofre, ousa – e paga o preço disso» (Farias, 2015: 1) –. Por isso, a opção de Ana Maria Machado por Zizinha e não por Eufrásia: escolher Zizinha é retirar a mulher rica e poderosa de seu patamar social e economicamente distanciado; escrever sobre Zizinha é

aproximá-la das mulheres e das relações por elas vividas: o amor, a desigualdade entre os pares; o sofrimento pela impossibilidade do casamento ou mesmo a renúncia ao casamento, por ser um contrato nem sempre favorável à mulher.

Em *O Contrato Sexual*, Carole Pateman afirma que «o casamento é chamado de contrato, mas as feministas argumentam que uma instituição em que uma parte, o marido, exercia o poder de um senhor de escravo sobre sua mulher, mantendo até os anos 80 resquícios desse poder, está bem longe de ser uma relação contratual» (Pateman, 1993: 231). E Zizinha tem a clara consciência de que pertence a uma parcela de mulheres que pode prescindir da presença masculina para conduzir sua vida e o amor. O casamento, no padrão que a sociedade o exige e nos moldes que Quincas pretende, obstaculizará a liberdade de uma mulher que já a conquistou.

Portanto, é possível entender que o romance entre os dois não foi mal concluído, mas Eufrásia deixou de considerar essa possibilidade, porque tem consciência do que representará o casamento em sua vida. Tampouco Eufrásia rejeitou o casamento com Nabuco pelo seu comportamento mulherengo, mas porque ela sabe que se envolver com ele significa a perda de sua liberdade, da emancipação que ela custosamente alcançou. E é justamente esse «Teto todo seu» que ela não quer e não pretende perder.

Aliás, a orelha do livro, na edição da Objetiva, sinaliza para uma chave de leitura que poderia ter motivado os resenhistas desse romance. Ali está escrito:

Um Mapa todo seu, de Ana Maria Machado transita pelo Rio de Janeiro, por Paris e Londres, no final do século XIX, para recontar a incrível história de amor de Eufrásia Teixeira Leite, uma mulher independente e bem-sucedida nos negócios, e Joaquim Nabuco, político e jornalista que atuou com firmeza e convicção no processo abolicionista brasileiro.

No entanto, a conclusão desse paratexto, se retoma o tópico da independência feminina ao chamar a atenção para as características de Eufrásia – mulher perseverante e independente – deixa de lado mais uma vez essa chave de leitura para investir nas questões históricas brasileiras, como a abolição da escravatura e as dificuldades de um país em formação, que colaboram para ressaltar a posição política de Joaquim Nabuco:

Suas aptidões e lutas vão se revelando gradualmente ao leitor, assim como a perseverança de uma mulher para manter sua independência. No final, o que temos não é só uma história de amores e incertezas, mas também um relato que nos mostra a dimensão da luta pela abolição da escravatura no Brasil, as dificuldades políticas de um país em formação, e o mundo dos grandes negócios e investimentos.

Sem dúvida, o romance pode sugerir uma leitura das condições que dizem respeito à história brasileira, num país em formação, cujos olhos se voltam para uma nova forma de governo que se anuncia, mas negligência algumas heranças sociais que vão se calcificando e desconsidera uma inovadora chave de leitura sobre a emancipação feminina e a liberdade da mulher. Não se pode, portanto, de deixar de anotar como são encaradas as relações sociais e as posições sociais quando entram em jogo questões de gênero.

Em entrevista a Ubiratan Brasil, publicada em *O Estado de São Paulo*, em dezembro de 2015, Ana Maria Machado afirmou que «não há cartografia para cada um seguir. Daí o título do livro *Um Mapa todo seu*». Penso, porém, que o livro traz vários mapas: aqueles do passado, que regiam (e muitas vezes regem) as relações afetivas, os contratos matrimoniais para salvar heranças e patrimônios (sempre desfavoráveis às mulheres), a formação de nossa história e de nossa identidade social. Outros mapas, porém, são possíveis de leitura nesse romance: a liberdade individual, a conquista feminina (ainda que isso implique perdas ou dificuldades), a luta pela emancipação da mulher – outras rotas significativas de um mapa que certamente as mulheres que estavam na rua nesse ano de 2015 reivindicavam – e reivindicam – para um Brasil tão pouco feminino.

Referências bibliográficas

- Brasil, Ubiratan. (2015). «Em novo romance, Ana Maria Machado transforma história de amor impossível em ficção». *O Estado de São Paulo*.
- Faria, Ângela. (2015). «Ana Maria Machado lança o romance *Um Mapa todo seu*». *Portal Uai*.
- Lucchese, Alexandre. (2016). Resenha *Um Mapa todo seu*, de Ana Maria Machado. *Zero Hora*.
- Machado, Ana Maria. (2015). *Um Mapa todo seu*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Oliveira, Amanda da Silva. (2018). «Resenha - Machado, Ana Maria. *Um Mapa todo seu*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 222p.» *Navegações*, 11, 180-182.
- Pateman, Carole. (2020). *O Contrato Sexual*. São Paulo: Paz e Terra.
- Rossi, Marina. (2015). «As mulheres brasileiras dizem basta». *El País – Brasil*.